



KOATAY 108

Manoel Truncado

O EXU TRANCA-RUA

A HISTÓRIA DE MANOEL TRUNCADO

VALE DO AMANHECER - TEMPLO DE OMEYOCÃN

A HISTÓRIA DE MANOEL TRUNCADO

**EDIÇÃO DO ORGANIZADOR
2011**

ESTE LIVRO, NO SEU TODO OU EM PARTE PODERÁ SER REPRODUZIDO OU TRANSMITIDO, SEJAM QUAIS FOREM OS MEIOS EMPREGADOS: ELETRÔNICOS, MECÂNICOS, FOTOGRÁFICOS, GRAVAÇÃO OU QUAISQUER OUTROS SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.

TEXTO ORIGINAL: TIA NEIVA - KOATAY 108

DIREÇÃO EDITORIAL: REGENTE TUMUCHY

ADAPTAÇÃO E REVISÃO: REGENTE TUMUCHY.

EDIÇÃO DO ORGANIZADOR

ST. BAIXIO DOS MONTEIROS, 00050

DISTRITO ROMUALDO - CRATO

WWW.ESCOLADOCAMINHO.COM

A História de Manoel Truncado. Crato: edição do organizador, 2011.

16p

ISBN:

CDD: 920

“Meu filho,
minha maior ambição é que você compreenda
suas heranças transcendentais “...
Da mãe em Cristo,

Tia Neiva

PREFÁCIO

Caros leitores,

A singela carta em que tia Neiva, Koatay 108, narra os sucessos do nosso amigo Manoel é um documento singular da alma humana. "A História de Manoel Truncado" não é apenas o relato de um homem simples que conduziu sua carroça pelas estradas empoeiradas da vida terrena, mas sim um testemunho eloquente e tocante sobre as consequências profundas que a falta de compreensão pode exercer sobre nossos destinos e sobre aqueles que amamos.

Manoel, o carroceiro, representa milhares de espíritos que transitam pelo mundo físico carregando em seus corações as feridas da incompreensão. Sua trajetória revela-nos como a ausência de entendimento sobre as leis divinas, sobre o próximo e sobre nós mesmos pode truncar – palavra que aqui assume seu sentido mais profundo – o desenvolvimento natural de nossa jornada evolutiva.

Nos meandros da vida deste homem singelo, encontramos reflexos de nossas próprias tendências. Suas dores, suas escolhas, seus momentos de revolta e desesperança ecoam as experiências de todos nós que, por não compreendermos o verdadeiro propósito das provações, acabamos por agravar nossas próprias feridas e, inevitavelmente, ferimos aqueles que nos são caros.

A incompreensão é, sem dúvida, uma das maiores chagas da humanidade. Quando não compreendemos o porquê de nossas dificuldades, quando não alcançamos o sentido educativo de nossas experiências dolorosas, quando falta-nos a luz do entendimento espiritual, tornamo-nos

prisioneiros de nossas próprias limitações. E, nessa prisão, não raro levamos conosco aqueles que mais amamos, perpetuando ciclos de sofrimento que poderiam ser interrompidos pela compreensão e pelo amor.

Manoel Truncado oferece-nos suas memórias como um espelho no qual podemos reconhecer nossas próprias sombras. Sua história é um convite à reflexão sobre quantas vezes nós mesmos permitimos que a falta de compreensão trunque nossas possibilidades de crescimento e felicidade.

Que as experiências de Manoel sirvam como farol para não repetirmos os mesmos equívocos, para não permitirmos que a incompreensão continue a ceifar as flores mais belas de nossos jardins íntimos.

Jesus, o divino amigo, em sua essência consoladora e esclarecedora, oferece-nos as chaves para a compreensão. Ensina-nos que cada experiência, por mais dolorosa que seja, encerra em si uma lição preciosa. Mostra-nos que o sofrimento não é castigo, mas oportunidade de crescimento. Revela-nos que a verdadeira sabedoria está em compreender para perdoar, em entender para amar, em conhecer para servir.

Que a luz da compreensão possa, enfim, curar as feridas que a falta de entendimento abriu em nossos corações e nos corações daqueles que amamos.

Salve Deus, nossa mãe, Koatay 108!

Jesus nos abençoe a todos!

A História de Manoel Truncado

Há uns dez anos, vivia em uma cidade de Goiás, bem próxima da capital do estado, um cidadão chamado Manoel Truncado. Casado com uma mulher pacata e jovem, chamada Maria, o casal tinha três filhos: José, o caçula; Marília e Josefa, duas mocinhas.

Manoel Truncado estava com mais de quarenta anos, e havia lutado muito para sobreviver com sua família. Seu pai fora um fazendeiro no interior de Goiás, e Manoel crescera na dura vida de peão. Apesar de as terras serem boas, o pai de Manoel Truncado nunca soubera tirar melhor proveito delas e, com isso, a vida para eles sempre fora de lutas e sofrimentos.

Em face das dificuldades, o pai de Manoel acabou por perder a fazenda e eles se mudaram para a cidade. Os velhos logo morreram, e Manoel teve que se ajustar a uma vida para a qual não fora preparado. Trabalhou aqui e ali, mas não conseguiu se firmar em lugar algum.

Um dia, ele conheceu Maria, jovem bonita e simples, que trabalhava para ajudar os pais. Os dois se amaram e logo se casaram, sem muitos planos. Simples e objetivos, Manoel e Maria não olhavam muito à frente e resolviam seus problemas com certa facilidade. O casal logo ganhou uma filhinha, a Josefa.

No primeiro ano de casado, Manoel procurou se firmar no trabalho de carroceiro. O casal morava num barracão construído no fundo de um terreno, deixando a frente toda livre, onde Manoel mantinha uma cocheira para guardar a carroça e seus dois animais. Nas tardes quentes e sem vento, o cheiro acre do estrume invadia a pequena moradia, mas eles

já estavam tão acostumados que nem o sentiam. Nas horas de folga, Manoel Truncado gostava de acariciar o corpinho tenro de Josefa, que ficava deitada numa bacia forrada de panos.

Depois nasceu Marília, e, por último, José. A vida ficou tão apertada como a casinha em que moravam. As dificuldades, contudo, não cessavam. Na tentativa de anestesiar a própria dor, Manoel começou a frequentar com mais assiduidade o botequim da beira da estrada e a se descuidar dos seus negócios. Logo começou a se manifestar, nele, um gênio arrogante e agressivo, que atemorizava os vizinhos e deixava as crianças com os olhos arregalados de medo.

Enquanto isso, Maria, sempre quieta e acostumada ao trabalho duro, se resignava lavando roupa para ganhar algum dinheiro.

Manoel começou a se ausentar de casa e chegava a passar noites fora. Nos dias que se seguiam a essas ausências, ele costumava chegar na carroça, com os cavalos meio estropiados, e os largava no pátio. Resmungava qualquer coisa e se deitava, em pleno dia, sem sequer trocar a roupa.

Maria desatrelava os cavalos, com auxílio dos filhos, e a casa ficava quieta, ouvindo-se, apenas, os roncossurdos de Manoel. Quem mais sofria com isso era o pequeno José. Ele já estava no primeiro ano do grupo escolar, e sua inteligência viva procurava explicações de coisas que a escola não lhe ensinava. No princípio, Manoel procurava ajudá-lo em suas lições, e José adorava fazer-lhe perguntas. Mas, depois que Manoel começou a beber e a se ausentar, ele passava um bom

tempo manuseando seus cadernos, na esperança que o pai lhe ajudasse. Mas Manoel não o atendia...

A situação foi piorando, a ponto de se tornar insustentável. Começou a faltar comida, e as discussões violentas se processavam sem mais nem menos. Maria, que habitualmente mal tinha tempo de chegar até a cerca para falar com a vizinha, começou a sair, em busca de auxílio. As crianças ficavam trancadas em casa e deixaram de ir à escola.

Maria, acostumada exclusivamente na dura lida do lar, começou a se atrapalhar na vida fora de casa. Começou fazendo dívidas, e das dívidas passou aos favores ilícitos. Em pouco tempo, estava separada de Manoel Truncado e se prostituiu por completo. Um dia, Manoel se viu sozinho, com seus cavalos estropiados. Maria o abandonara, levando consigo as crianças, e não deixara qualquer endereço.

No princípio, Manoel pouco se importou. Juntou o pouco que restava de sua vida material, e se lançou nas aventuras baixas da periferia da cidade. Depois de muitas loucuras, um dia, bateu-lhe a saudade da família, e decidiu sair à sua procura.

Sua busca foi infrutífera. O que ele encontrou foi a morte, num desses tristes episódios que acontecem na calada da noite. Nos seus últimos tempos na Terra, ele começara a atribuir toda a sua desdita à esposa que o abandonara.

Seus sete dias em Pedra Branca¹ foram de intensa agonia. Ele não conseguia dominar seus desejos de vingança, sustentados por sua mente desvairada. Ao terminar seu

¹ Região na qual o recém-desencarnado estagia por um período de sete dias. Neste interregno, defronta-se com seu desempenho nos anos passados na Terra.

prazo, ele se encaminhou, como um relâmpago, em direção à família.

Os mentores espirituais ficaram temerosos do que podia acontecer à já tão sofrida família, e o desviaram de seu rumo. Cheio de rancor e agressividade, Manoel Truncado acabou por ser atraído pelos bandidos do espaço², e foi vendido a uma falange, em um terreiro.

Essa falange pertencia ao reino do Exu Tranca-Rua. Manoel Truncado passou a sofrer nas garras dos exus tarimbados do terreiro. Ele, agora, era um prisioneiro da Lei Negra!

A lei negra é uma espécie de máfia, um grupo imenso de malfeitores, do mundo invisível, e, como sua similar no plano físico da Terra, escraviza seus membros, que ficam quase sem possibilidades de libertação. Suas falanges são alimentadas e crescem, à custa dos espíritos nômades e sem protetores. E tudo isso acontece por opção do próprio espírito, guiado por seu livre arbítrio.

Sempre que um espírito termina seu estágio na Pedra Branca, onde ele tem a oportunidade de conhecer a verdade sobre si mesmo, seus mentores lhe dão toda a assistência e lhe mostram o verdadeiro caminho. Mas a decisão é dele, e sua chance permanece até o último instante. Se ele tomar a decisão errada, acaba por se tornar vítima da lei negra.

Existem uns espíritos no submundo invisível que se chamam exus caçadores. Eles ficam à espreita e aguardam as

² Bandidos do Espaço são espíritos desencarnados que se dedicam às ações negativas. Seus alvos são espíritos inseguros. Quando conseguem capturar um espírito, depois de muito o maltratar, vendem-no a certas falanges que ainda mantêm o sistema de escravização.

decisões dos espíritos recém-desencarnados. Assim que os mentores desistem, eles entram em ação. Aproximam-se do espírito, seduzem-no, e o levam para suas cavernas. Lá, esses espíritos são submetidos a todas as sevícias e começam pesado treinamento naqueles costumes, até se tornarem exus. Manoel Truncado conheceu, então, o que era realmente sofrer.

Os anos, na Terra, foram passando, enquanto ele foi adquirindo tarimba. Sua índole agressiva o ajudava muito. Ele começou a se destacar em meio a tenebrosas tarefas. Em pouco tempo, adquiriu o direito de se chamar Exu Tranca-Rua, nome do titular da falange. Passou também a ser temido e respeitado mesmo pelos mais ferozes espíritos.

Com sua esperteza, fez um convênio com o Exu Tenório, especialista em hipnose magnética, o que lhe dava terrível força no submundo etérico. A hipnose é muito usada nas macumbas, e o novo Exu Tranca-Rua, ex-Manoel Truncado, sabia como se aproveitar disso.

Corria o ano de 1959, e um fato inteiramente oposto aconteceu nas imediações da caverna de Tranca-Rua. Nessa época, mudara-se para a Serra do Ouro, o grupo de Tia Neiva, formando a UESB, a primeira comunidade da Corrente Indiana do Espaço. E o tempo continuou a correr na ampulheta da vida.

Certo dia, Truncado, agora chamado Tranca-Rua, estava sentado em seu trono, quando ouviu alguém praguejando com violência. Sabia, por experiência, que se tratava de algum novato trazido pelos exus-caçadores. Muniu-se do seu chicote magnético e se encaminhou para o local do barulho. Lembrava-se de como fora tratado quando

chegara, e seu maior prazer era aplicar, pessoalmente, a correção nos novatos. Ele tinha um jeito especial de chicoteá-los e de convencê-los.

O espírito estava seguro pelos caçadores, e Truncado desfechou a primeira chibatada. A vítima urrou de dor e seus olhos lançaram chispas de ódio impotente. Truncado ia dar a segunda chibatada, quando seu braço estancou no ar, como se tivesse batido num rochedo invisível. O espírito que estava chicoteando era o do seu filho José!

A cena terrível ficou paralisada num momento de agonia. Os dois espíritos – pai e filho – se fitavam com horror e espanto. Subitamente, Truncado achou a voz e gritou, em desespero:

- Zezinho, meu filho! Você aqui? Não! ... Não! ... Não o quero aqui! Levem-no daqui! ...

Passado o instante da surpresa, os caçadores largaram Zezinho e começaram a zombar da fraqueza de Truncado, espezinhando-o pela atitude tão diferente de seus hábitos. Zezinho, aproveitando-se do descuido de todos, arrebatou o chicote da mão de Truncado e passou a chicoteá-lo com ódio arrebatado.

Truncado não se defendia, e Zezinho o chicoteou até ele cair, sem forças. Enquanto ele lhe batia com o terrível chicote magnético, vociferava com ódio:

- Tome, miserável, pelo mal que nos causou! Minha mãe se prostituiu por sua causa, seu canalha! Ela foi obrigada a isso para dar de comer a mim e a minhas irmãs, seus filhos! Elas, agora, vão pelo mesmo caminho de minha mãe, a prostituição! Tudo por sua culpa, seu miserável! Mas, eu disse que, um dia, o encontraria e, agora, o encontrei!

O tempo continuou a correr e, agora, Zezinho se tornara um terrível Tranca-Rua, mais feroz que o pai.

Truncado, desmoralizado no próprio reino, mas não querendo se afastar de Zezinho, tornou-se um nômade do submundo dos exus. Cheio de ódio e confuso com a cilada que a vida lhe preparara, redobrou suas atividades maléficas, sem cautela nem medidas. Suas estrepolias puseram em sobressalto toda a região entre Anápolis e Alexânia, durante longo tempo.

Nessa época, aconteceram desastres incríveis. Carros perdiam a direção sem causa aparente, e a estrada começou a ter cruces fincadas, marcando os locais dos desastres onde pessoas haviam desencarnado. Crimes aconteciam nos sítios ao longo da rodovia, e aumentou muito o consumo de cachaça nos botequins de beira de estrada. A atmosfera da região começou a se modificar visivelmente. Os praticantes de magia negra aumentaram de número e os trabalhos varavam as noites, nas várzeas e encruzilhadas.

Na comunidade da UESB, Tia Neiva recebia as lições dos Mundos Encantados dos Himalaias, e os médiuns se desdobravam no serviço em Cristo-Jesus.

Um dia, Tia Neiva recebeu a notícia de que estava para chegar um circo que se instalaria nas imediações da UESB. Mas, não se tratava de um circo comum, desses que a gente está habituado a ver. Tratava-se de um circo etérico!

De fato, o mundo invisível da região estava alvoroçado. O circo chegou com estardalhaço, com seus palhaços, seus acrobatas e seus carros coloridos. O palhaço principal chamava-se Remendão. Com o circo em funcionamento, os

espíritos desencarnados para ele afluíam em massa. Entravam e desapareciam da região!

Manoel Truncado, o ex-Tranca-Rua, também não resistiu à curiosidade, e foi ver o circo. Mal entrou e, quando deu por si, estava capturado pela falange de centuriões! Urrou e ameaçou, mas de nada adiantou. Foi levado para a UESB, onde começou a ser doutrinado, e acabou por conversar longamente com Tia Neiva. Ela, na sua proverbial paciência, foi-lhe mostrando seu quadro espiritual. Ele se deixou ficar ali.

A fagulha de ódio de seus olhos foi sendo substituída pela luz baça do arrependimento. Às vezes, seu gênio rancoroso o dominava e ele dava trabalho aos médiuns da UESB. Por fim, os mentores, com auxílio de Tia Neiva, conseguiram encaminhá-lo para o Canal Vermelho.

Lá, ele foi atraído para um lugar, chamado Umatã, mudou sua roupagem de exu, mas sua maior preocupação continuou sendo seu filho Zezinho. Na caverna do antigo Tranca-Rua, Manoel Truncado, outro rei agora imperava, no seu reinado de ódio.

O Tranca-Rua agora era Zezinho, com ferocidade maior do que a do seu pai. O chicote magnético que fora usado por seu pai, continuava a sibilar nas costas de outras vítimas, espíritos perdidos, apanhados pelos exus caçadores.

Naquele tempo, Tia Neiva sentia certa frustração no Canal Vermelho. Na verdade, para um espírito que conserva a consciência, a mesma consciência nos vários planos em que penetra, a paisagem do Canal Vermelho assusta um pouco, de início.

Apesar de bonito, com seus enormes jardins, suas pontes, seus belos edifícios, sua vida complexa, sua luz

cambiante de tons lilás e sua simetria, seu conjunto dificulta a sintonia. É como uma cidade criada artificialmente, e cheia de truques mágicos.

Essa construção do plano etérico se destina à adaptação de espíritos arraigados a formas obsessivas de ideias. Ele estabelece um clima de transição entre a concepção que alimentaram na Terra e a realidade do mundo invisível, a outra etapa da estrada da vida.

Tia Neiva vai com frequência ao Canal Vermelho, em sua missão. Nesse dia, enquanto aguardava a presença de seus amigos espirituais, ela observava com curiosidade as atividades em torno dela. De onde se achava, via o enorme letreiro de Umatã, que parecia mudar constantemente.

Às vezes, lia a palavra 'umbanda', e outras vezes parecia que ali estava escrito 'candomblé'. Ficou a pensar no assunto, até que decifrou o enigma: tratava-se de uma forma adequada para fazer com que certos espíritos se sentissem em casa. Não muito distante, havia uma espécie de templo, com um letreiro onde se lia 'Igreja Presbiteriana', e, pouco além, havia outro templo com aspectos nitidamente católicos.

Dessa forma, os espíritos desencarnados encontram um ambiente similar ao que tinham na Terra. Só que a realidade é bem diferente. Seja em termos de Candomblé, de Umbanda, de Catolicismo, de Protestantismo ou de qualquer outra doutrina, a direção é dos espíritos missionários, que mostram lentamente a esses espíritos sua sobrevivência depois da morte terrena.

Nessa madrugada, ela se encontrou com Manoel Truncado. Imediatamente, ele se lembrou dela, e sua primeira manifestação foi em torno de seu filho Zezinho e sua família.

Tia Neiva notou que ele ainda pensava muito em termos do exu que foi na Terra. Embora tenha modificado sua roupagem, ele ia ao templo de Umatã, como fora aos terreiros da Terra...

Eram quase cinco horas da manhã quando ela voltou para a Terra. Preocupada com a promessa feita a Manoel Truncado, ela procurou ver Zezinho. Mas não conseguia vê-lo com sua roupagem de exu. A única coisa que conseguiu captar, em sua visão espiritual, foi a figura de um menino de sete anos, esperando o pai para lhe ensinar a lição da escola...